

IMPrensa E REPRESENTAÇÃO: A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DA FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS PELO DIÁRIO DA BORBOREMA

**José Valmi Oliveira Torres,
Rosilene Dias Montenegro**

Diversos estudos já afirmaram a potencialidade dos meios de comunicação na construção de imagens, representações, e visões de mundo. No âmbito da produção historiográfica, a partir do momento que os historiadores deixaram de ver os jornais como documento no sentido estrito de lugar onde estariam depositados os fatos históricos e passaram a vê-los também como atores da história, diferentes abordagens foram delineadas.

Estudar a imprensa não é, certamente alinhar fatos e datas, nomes e mais nomes, nem destacar os personagens que se tornaram singulares na construção engendrada no passado para o futuro. E sim, identificar, na definição de Roger Chartier (1990), o modo como em diferentes lugares e momentos uma dada realidade é construída, pensada e dada a ler.

Nesse sentido, os textos da mídia impressa apresentam-se como uma fonte privilegiada da percepção dos eventos do dia, com toda a sua agitação e dispersão características. Tendo como objetivo o presente, que se transmuta em acontecimento jornalístico e, muitas vezes em espetáculo. A mídia não somente transforma o presente em acontecimento jornalístico, como também confere um estatuto histórico. Desse modo, a sociedade assiste à história do tempo presente sendo construída, sob a tirania do acontecimento. O lugar por excelência, da produção do acontecimento não é mais o do discurso da história, mas, sim, o da mídia.

Nessa direção, o trabalho aqui apresentado, pretende prestar algumas reflexões iniciais sobre a imagem das ciências humanas em Campina Grande construída pelo Diário da Borborema, implicando diretamente na reconstituição da história da Universidade Federal de Campina Grande, no que se refere à Faculdade de Ciências Econômicas (FACE), criada na década de 1950, passando pelo processo de incorporação das mesmas à Universidade Federal da Paraíba e sua transformação em Centro de Ciências e Tecnologia, em 1976.

A partir da percepção da imprensa como um meio de comunicação de massa, capaz de gerar e fixar representações acerca de fatos, pessoas, espaços e datas, sendo um *lugar de memória* privilegiado nas sociedades urbanas, a proposta é mapear como foram sendo construídas, entre os anos 60 e meados da década de 70, as representações e as memórias acerca da Faculdade de Ciências Econômicas no periódico citado.

Construções de imagens da Faculdade de Ciências Econômicas pelo Diário da Borborema.

As idéias de progresso e desenvolvimento econômico faziam parte dos anseios e dos debates políticos no Brasil dos anos 50. Esses anos, ainda continuam sendo os anos dourados da sociedade brasileira. Em Campina Grande não poderia ser de outra forma. Depois dos anos 30, período em que a cidade viveu um *boom* do algodão, chegando a ser chamada de “a Liverpool Brasileira” pelo fato de assumir no ranking mundial a segunda posição como exportadora de algodão, vivia-se nos anos cinquenta um novo período de significativo crescimento econômico, verificado pela instalação de empresas comerciais, de estabelecimentos bancários e de concessões de uma série de vantagens como estratégia para atração de novas indústrias para essa cidade. Indo também ao encontro de uma justa aspiração da mocidade estudiosa de Campina Grande, é criada por Lei Municipal nº 512, de 1º de julho de 1955, a Faculdade de Ciências Econômicas.

Segundo o prefeito Severino Cabral uma cidade em fase de transição da sua estrutura econômica, é obvio que Campina Grande sente a necessidade de uma Faculdade de Ciências Econômicas onde se formam as novas equipes de técnicos, para as diversas atividades que serão aqui desenvolvidas com o surto de industrialização que se processa neste momento. Por isso, é de fundamental importância para essa cidade o reconhecimento desta Faculdade para o progresso de Campina Grande.

Não poderemos mostrar o que foi dito pelo Diário sobre a criação da FACE, pois o mesmo não existia naquele momento, tendo começado a circular na cidade somente no fim do segundo semestre de 57. Entretanto, não apenas de assuntos relativos à seca falava o *Diário da Borborema*. Questões relacionadas ao desenvolvimento técnico científico de Campina Grande, como também os cursos superiores que foram sendo criados nessa cidade também pautaram as páginas do jornal. Em grande parte, as crônicas e editoriais jornalísticas publicadas no *Diário* refletiam invariavelmente o

desenvolvimento econômico que a cidade presenciava dos anos 50 e início de 60. Sob a lógica do desenvolvimento, o jornal carregaria para si, a responsabilidade de ser o principal difusor de uma Campina Grande desenvolvida, moderna e progressista.

Lopes de Andrade afirma em sua coluna diária “Homens e Fatos”: *“os campinenses devem se unir para que a Faculdade de Ciências Econômicas comece a funcionar em 1960, pois os empresários e industriais precisam de economistas com terceiro grau e não apenas com curso técnico”*.

De imediato essa notícia não teria nenhuma relevância, mas por traz deste discurso, o jornal passa ao leitor, mesmo que de forma subjetiva, a idéia de que são necessárias uma capacitação e formação profissional de terceiro grau, e que o economista egresso dessa instituição seja colocado no mercado de trabalho para contribuir com o desenvolvimento da cidade.

Imediatamente nos voltamos para o cenário político e econômico nacional do final da década de 50 com o desenvolvimentismo de JK, que por sua vez pode ser definido como modelo voltado centralmente para a realização de crescimento econômico acelerado, em ritmo superior aos padrões históricos tradicionais, com o objetivo de diminuir distância de nível de industrialização e renda em relação aos países considerados subdesenvolvidos. E para acelerar esse ritmo de desenvolvimento era preciso o Estado investir em setores importantes da economia.

O Estado deveria desempenhar a função de principal agente indutor do processo, quer sinalizando os rumos da economia e direcionando os investimentos, quer investidos diretamente em setores fundamentais como infra-estrutura e indústria básica (Brum,1999, p. 232).

Como podemos perceber, o tema que centralizava as atenções era o desenvolvimento do país via industrialização, e para que isso acontecesse era preciso ter um saber técnico para realizar as obras de infra-estrutura que o Brasil necessitava, tais como: pontes, rodagens, barragens prédios. E também um saber técnico, constituinte da formação de economistas e voltado para administrar empresas públicas e privadas.

O município de Campina Grande passa a ser beneficiado com essa política de industrialização promovida pelo governo federal, possivelmente por ser a cidade mais

desenvolvida do Estado da Paraíba e, em decorrência dessa predileção adquiria importância significativa no cenário regional. Evidentemente havia na região Nordeste outros centros mais desenvolvidos que Campina Grande, no entanto, se tomarmos o desenvolvimento vivenciado por esta cidade e compararmos com a situação geral do Nordeste, chegaremos à conclusão que Campina Grande se desenvolvia muito mais que várias cidades dessa região.

As políticas públicas implementadas na região eram, geralmente, ineficazes e atrasadas como mostra essa citação de Raimundo Moreira, comparando as políticas de desenvolvimento do Nordeste e do Centro-Sul:

[...] Desenvolvia-se no Centro-Sul uma política de inversões dentro de um programa orientado com objetivos definidos, visando à industrialização, enquanto no Nordeste se levava a cabo uma política “assistencialista”. A ação governamental no Nordeste centrava-se na política de combate às secas e tinha efetivamente um caráter filantrópico [...] (MOREIRA, 1979, pp. 32-43).

De acordo com Lima (2004, p. 48): “essa realidade global do Nordeste não se reflete em Campina Grande, ao contrário, ao entrar nos anos cinqüenta o município já se destacava como um centro industrial em franca ascensão e continua durante toda década”. O crescimento era tanto que, em 1959, Campina Grande tinha 111 estabelecimentos industriais, enquanto João Pessoa tinha 93 estabelecimentos. Em termos quantitativos, o número de indústrias, de habitantes, de lojas de comércio, somando-se ainda sua importância como pólo comercial de algodão, fazia dessa cidade um centro propulsor de crescimento econômico.

Como podemos perceber, depois de mais de quarenta anos passados da publicação dessa notícia, o Diário nos mostra a imagem de uma instituição que poderia, contribuindo para o desenvolvimento da cidade, ajudar Campina e região a prosseguir seu processo de desenvolvimento.

Lopes de Andrade afirma em sua coluna *Homens e Fatos* que, “antes de qualquer coisa, a Faculdade de Ciências Econômicas oferece a Campina Grande mão-de-obra qualificada, algo que é bastante necessário para a cidade que não pára de se

desenvolver". Esse artigo também nos apresenta a situação de desenvolvimento que estava inserida Campina Grande. E com o funcionamento de um curso como o de Ciências Econômicas, seria de fundamental importância, devido essa cidade se encontrar em processo de industrialização. Esse curso iria ajudar Campina Grande a se integrar nos grandes debates nacionais.

Implicitamente o artigo passa a imagem de que os futuros economistas formados na FACE não terão problemas relacionados à colocação no mercado de trabalho, deixando transparecer que existia uma demanda de economistas na região, que os ingressos dessa instituição já estavam inseridos no mercado de trabalho.

Assim segundo Lopes de Andrade "*Campina Grande é mais uma vez pioneira no interior do Nordeste, tendo sido a primeira cidade interiorana a dar início a construção de uma cidade universitária que irá comportar duas excelentes escolas*". Ainda, segundo Lopes de Andrade, a Escola Politécnica e a Faculdade de Ciências Econômicas, eram orgulho do ensino superior paraibano por estar ajudando a cidade e região a se desenvolver.

Nesse artigo, o Diário mostra a imagem da Faculdade de Ciências Econômicas e da Escola Politécnica, como instituições que se sobrepunham, em termos de estruturas, as outras faculdades no interior do Nordeste. Essa compreensão está presente em muitas outras notícias publicadas nesse meio de comunicação.

O jornal também apresenta neste artigo, o ideal de que a Politécnica e Faculdade de Ciências Econômicas eram orgulho da Paraíba, colocando esse estado à frente dos demais estados nordestino em matéria de ensino superior. E que Campina era a única cidade do interior nordestino a possuir duas escolas superiores, dentre estas a FACE e a POLI e sendo também a primeira a dar início à construção de uma cidade universitária.

Assim, podemos perceber nessas notícias e artigos, que o Diário da Borborema constrói a imagem da FACE e da Escola Politécnica, que se apresentavam de forma vanguardista, sendo instituições de destaque na área de engenharia e de economia. Como não existe um jornalismo imparcial, podemos dizer que os jornalistas do Diário contribuíram para consolidar a imagem de uma urbe que estava à frente de muitas outras cidades do Nordeste.

Lopes de Andrade comenta a abertura do curso de Introdução aos Problemas do Desenvolvimento (promovido pela SUDENE e pelo Conselho Estadual do Desenvolvimento) e do Instituto de Pesquisas Sociais e Econômicas (recém criado pela Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal da Paraíba) e afirma: "A

Faculdade de Ciências Econômicas esta construindo uma nova mentalidade para Paraíba à administração e economia”.

Como podemos perceber nesta notícia, o jornal já mostrava a que a Faculdade de Ciências Econômicas se propunha, a encontrar soluções que pudesse romper com o atraso econômico e social em que estava inserida a região Nordeste. Ela representava um marco desses tempos de busca de se criar bases materiais que viessem dar viabilidade ao tão almejado progresso. A FACE formando economistas para preencher essa demanda industrial, que precisava de bons administradores e a POLI seria a formadora dessa mão-de-obra técnica que iria auxiliar a cidade em seu processo de industrialização.

É interessante observar que além de mostrar o desenvolvimento que a Escola estava proporcionando não só ao Estado, mas ao Nordeste, fica implícito na matéria, que tais coisas só estavam sendo possíveis pelos que faziam a Faculdade de Ciências Econômicas, isto é, diretor, professores, alunos e estudiosos, politizados, estando estes um pé à frente, isto é, mesmo sendo em uma cidade do interior, estavam mais atentos, do que outras cidades e capitais em resolver os problemas do Nordeste e alcançar o tão sonhado progresso e desenvolvimento.

A compreensão que o Diário apresenta da FACE e da POLI, como instituições de vanguarda, sempre antecipando-se ao futuro, a um passo a frente em relação as demais, estas idéias estão presente também no depoimento concedido ao Projeto Memória da Ciência e Tecnologia em Campina Grande (1952-2002) pelo ex-diretor do SENAI e também ex-professor da Escola Politécnica, senhor Stênio Lopes:

Esse tema, progresso em Campina Grande, era uma coisa muito interessante, se pensava o que se poderia fazer para o futuro desta cidade. A FACE e a Politécnica lideravam essas discussões sobre progresso, desenvolvimento. A gente debatia de forma exaustiva esse assunto, chegando até imaginar uma projeção do desenvolvimento de Campina Grande para o ano 2000. Alguns professores da Politécnica como Lynaldo Cavalcante, Luis Almeida, José Lopes de Andrade da FACE e alguns industriais, muito inquietos, progressista, era impressionante como esse grupo

pensava em transformar a cidade em um centro tecnológico de referência.

Percebe-se nessa fala do professor Stênio Lopes que havia em Campina Grande um grupo de intelectuais muito dinâmicos, que buscavam a todo custo mecanismos que viabilizassem o progresso e o futuro próspero dessa cidade, e o mais importante, esse grupo de intelectuais perceberam que o investimento no ensino superior era importante para colocar a cidade um passo à frente das demais cidades nordestinas, nesse processo de industrialização. E essas escolas de ensino superior, que em pouco tempo de existências foram federalizadas, possibilitariam colocar mão-de-obra qualificada para as indústrias aqui instaladas ou que viessem a se instalar. E esses frutos que foram plantados nos anos cinquenta, com a implantação dessas escolas de ensino superior, que custaram muita luta, em que foi preciso romper barreiras que à primeira vista pareciam intransponíveis, o sonho dessas pessoas que foram ousadas para época, colocaram Campina Grande, em uma posição de destaque, possibilitando a inserção dessa cidade na grande questão nacional, o desenvolvimento científico e tecnológico.

Podemos observar também que a imagem trabalhada pelo Diário da Borborema de uma Faculdade que está contribuindo para a transformação social de uma região está em consonância com a o projeto político do governo JK (1956-1961), particularmente, no que refere à recepção das idéias de modernidade e desenvolvimento.

Observa-se também que a criação da SUDENE representava, para os desenvolvimentistas campinenses, a grande possibilidade de ver a infra-estrutura que vinha sendo montada no município, através de acordos e negociações políticas, passar a ser utilizada e cumprir o seu papel de alavancar o desenvolvimento do município, tendo como carro chefe a industrialização.

O município de Campina Grande, ao se integrar na discussão técnica e política acerca da extensão do desenvolvimentismo para a região Nordeste, começa a preparar a infra-estrutura e os mecanismos legais capazes de facilitar a adoção desse tipo de política. As medidas visando a implementação da política desenvolvimentista, bem como, as melhorias na infra-estrutura eram negociadas e realizadas sempre tentando envolver as três esferas de poder.

Para a criação dessa infra-estrutura capaz de atrair e dar condições vantajosas para a efetiva instalação de indústrias de grande porte no município era fundamental os economistas de Campina Grande fazer parte desse debate mais amplo que tinha na SUDENE a esperança de viabilizar a tão almejada industrialização. Pois, não é a toa que Campina Grande se destaca em 1965, em quarto lugar entre os municípios que mais se beneficiarão com projetos de implantação de fábricas, superando todas as capitais de Estados e as principais cidades da Região, exceto Recife, Salvador e Fortaleza.

A artigo publicado em 22/12/1964 *“a formação dos alunos da FACE foi em 1964 um dos fatos mais relevantes da vida cultural da cidade, tomando-se em consideração o entusiasmo que invade os campinenses pela industrialização do município”*.

Percebe-se com a publicação desse artigo que os formandos da Faculdade de Ciências Econômicas constituiriam a mão-de-obra qualificada essas indústrias que estavam se instalando em Campina Grande, porque além de excelentes engenheiros formados pela Escola Politécnica, precisava-se também de administradores, de economistas que pudessem contribuir com esse processo de industrialização que a cidade estava presenciando.

O Diário da Borborema nos passa também a idéia do pioneirismo e da busca de transformar a Faculdade de Ciências Econômicas em uma instituição de referência e que estava se mantendo sempre atualizada com as demais escola. Como podemos ver nessa notícia: *“Universitários da segunda série do curso de Sociologia e Política da FACE viajam para Recife para participarem de intercâmbio cultural junto ao Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Social, do Ministério da Educação e Cultura e Instituto de Ciências do Homem, da Universidade de Recife”*.

A notícia acima publicada fala de algo que, geralmente não era feito naquele momento, isto é, levar os alunos para aulas de intercâmbio, geralmente, isso era uma inovadora para época essa busca de melhorar a cada dia, e o mais importante estar sempre um passo à frente das demais. Esse pioneirismo servia para publicizar a imagem da Faculdade de Ciências Econômicas. Assim, a FACE se diferenciava pela sua inovação. Esta vanguarda implicava na constituição de um ensino superior de referência.

“Faculdade de Ciências Econômicas de Campina Grande promoverá curso de perspectiva de desenvolvimento econômico da economia da região Nordeste”. Esse artigo de Lopes de Andrade é bastante representativo, pois o Diário da Borborema nos

mostra uma Faculdade que estava ajudando a cidade de Campina Grande e região a romper a situação de atraso em que estava inserida a região Nordeste.

Podemos perceber também nesse artigo, embora se apresente de forma implícita, o desejo da Faculdade de Ciências Econômicas, de possibilitar condições para que o projeto de industrialização, tão almejado pelo grupo desenvolvimentista local, fosse capaz de colocar o município de Campina Grande como um posto avançado do desenvolvimentismo na região nordeste. E alguns investidores perceberam esses avanços e não se negaram a investir na cidade, graças aos projetos aprovados pela SUDENE.

Considerações Finais

Como podemos perceber na análise dessas cinco notícias publicadas pelo Diário da Borborema, esse veículo de comunicação vai construindo a imagem de uma Faculdade de Ciências Econômicas que se diferenciava das demais, por sua vanguarda, estando sempre em busca de realizar algo novo, seja fazendo intercâmbios, seja trazendo pesquisadores de renome, como o eminente sociólogo pernambucano Gilberto Freyre para promover palestra ou trazendo técnicos da SUDENE para promoverem cursos extracurriculares. Toda essa busca de inovação refletia na idéia de transformar a instituição numa referência e ajudar Campina Grande e o Nordeste a se desenvolverem. Podemos perceber, ainda, que a Faculdade de Ciências Econômicas desponta no quadro cronológico da história do ensino superior da Paraíba como sendo um dos marcos da transição para a fase do ensino superior. Representa um marco divisório entre duas épocas: uma em que predominavam os estabelecimentos de ensino secundário, e a outra que se iniciava com a instituição de cursos superiores.

Como não existe jornal imparcial, podemos dizer que esses jornalistas do Diário da Borborema contribuíram para consolidar uma imagem da Faculdade de Ciências Econômicas como sendo uma instituição dinâmica e moderna que estava contribuindo na superação de problemas econômicos e sociais não só da cidade como de toda a região, mas essas notícias estavam também interligadas à idéia de “cidade moderna”, “pólo de desenvolvimento”, “futuro de prosperidade”, da qual Campina Grande fazia parte.